

Visibilidades tecidas pelo Desacontecimento

Mapeamento dos fatos não marcados noticiados pela imprensa paulista referencial

TAYANE AIDAR ABIB

*Universidade Metodista de São Paulo
São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil*

DIMAS ANTÔNIO KÜNSCH

*Universidade Metodista de São Paulo
São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil*

ID 2774

Recebido em

27/6/2023

Aceito em

15/4/2024

Propõe-se identificar as visibilidades tecidas pelo Desacontecimento nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S.Paulo* entre 2015 e 2020. Considerando o Desacontecimento como estratégia narrativa de fatos não marcados orientada à cotidianidade, investiga-se as problemáticas socioculturais evidenciadas por sua cobertura em termos de identidade, migrações, ambiente, periferia, pobreza, direitos humanos e desemprego. Destaca-se seu potencial de abordagem em questões e desafios do ser – negro, mulher, velho, vulnerável, em situação de rua – e no contexto de uma urgência de se tratar a crise humanitária como pano de fundo transversal aos relatos sobre refugiados e imigrantes.

Palavras-chave: Jornalismo. Desacontecimento. Fatos não marcados. Noticiabilidade do cotidiano. Imprensa paulista.

Visibilities Produced by the Unhappening: Mapping of Unmarked Facts Reported by the Traditional São Paulo Press

It's proposed to identify the visibilities produced by the Unhappening in the newspapers *O Estado de S. Paulo* and *Folha de S.Paulo* between 2015 and 2020. Assuming the Unhappening as a narrative strategy of unmarked facts oriented to the daily life of ordinary people, we investigate the sociocultural issues highlighted by its coverage in terms of identity, migrations, environment, poverty, human rights and unemployment. The potential of the Unhappenings as news in issues and challenges of being – black, female, old, vulnerable, homeless – stands out and within the scope of the urgency of treating the humanitarian crisis as a transversal backdrop to reports about refugees and immigrants.

Keywords: Journalism. Unhappening. Unmarked facts. Daily news. São Paulo press.

Visibilidades del Desacontecimiento: mapeo de los hechos no marcados reportados por la prensa paulista referencial

Este artículo propone identificar las visibilidades producidas por el Desacontecimiento en los periódicos *O Estado de S. Paulo* y *Folha de S.Paulo* entre 2015 a 2020. Asumiendo el Desacontecimiento como una estrategia narrativa de hechos no marcados orientada a la cotidianidad, se investiga las cuestiones socioculturales destacadas por su cobertura en terminos de identidad, migraciones, ambiente, periferia, pobreza, directos humano e desempleo. Se destaca su potencial en cuestiones y desafíos del ser – negro, mujer, anciano – y en el ámbito de la urgencia de tratar la crisis humanitaria como un telón de fondo transversal a los informes sobre refugiados e inmigrantes.

Palabras clave: Periodismo. Desacontecimiento. Noticiabilidad del cotidiano. Hechos no marcados. Prensa paulista.

Tayane **AIDAR ABIB**

Doutora em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), mestre em Comunicação e jornalista formada pela mesma instituição. Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (2022-2023).

Universidade Metodista de São Paulo,
São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil

E-mail: tayaneaabib@gmail.com

ORCID



Dimas Antônio **KÜNSCH**

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Doutor em Ciências da Comunicação (2004) e mestre em Integração da América Latina (1999) pela Universidade de São Paulo (USP). Graduado em Filosofia (Brasil, 1977) e em Teologia (Innsbruck, Áustria, 1984).

Universidade Metodista de São Paulo,
São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil

E-mail: dimas.kunsch@gmail.com

ORCID



Introdução

Considerando-se o escopo¹ de estudos acerca do Desacontecimento jornalístico, este artigo propõe investigar, em linhas gerais, a articulação de tal matriz provocativa à cobertura noticiosa contemporânea. Enquanto noção que desestabiliza a semântica convencional do *newsmaking*, centrada no relato de fatos marcados pelos critérios de desvio e proeminência social (Sodré, 2009), o Desacontecimento engendra uma dinâmica produtiva divergente orientada à dimensão da cotidianidade dos sujeitos ordinários, à captura informativa por apuração dialógica e à redação que se assume em mediação autoral.

Como modo de escrutinar a manifestação do Desacontecimento nas coberturas informativas realizadas pela imprensa em termos de composição temática e noticiabilidade, este artigo pretende desenvolver um estudo exploratório junto aos periódicos paulistas de maior circulação nacional na atualidade (*Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, segundo dados IVC Brasil 2020) em uma delimitação temporal que abarca os anos 2015 a 2020. Por um mapeamento dos registros jornalísticos que se operacionalizam pela matriz do Desacontecimento, quer-se verificar a sua pertinência enquanto dinâmica possível ao noticiário contemporâneo através do seguinte eixo indagativo: quais são as visibilidades produzidas pelos fatos não marcados no âmbito de problemáticas socioculturais na cobertura tecida pela imprensa paulista referencial?

O *corpus*, amplo e diverso, inclui 3.650 edições de jornais consultadas nos acervos digitais, públicos e gratuitos de cada um dos veículos em questão por meio de uma leitura flutuante (Bardin, 2016) que buscou a organização e a exploração prévia dos textos para a constituição de uma amostragem de conteúdo correspondente ao escopo do Desacontecimento nos parâmetros delineados por projetos anteriores. A delimitação das peças informativas sob tal contorno operacionalizou-se em função do fundamento definidor da matriz: a noticiabilidade conferida às dimensões do cotidiano e dos sujeitos anônimos em suas ações e relações de resistência ante adversidades de ordens subjetiva, social, política ou econômica.

A partir desse levantamento, elaborou-se indicadores temáticos para proceder a um mapeamento da composição noticiosa tecida pelos registros selecionados. Tais indicadores foram estabelecidos em razão das problemáticas socioculturais abordadas com o objetivo de evidenciar as visibilidades produzidas pelos fatos não marcados na amostra em escrutínio, de modo a gerar dados, quantitativos e qualitativos, sobre a manifestação do Desacontecimento na imprensa contemporânea. Esses dados foram então categorizados de acordo com as faixas temáticas elencadas e visando um posterior balanço interpretativo sobre suas potenciais contribuições enquanto marco jornalístico para o enfrentamento de desigualdades e violências culturais.

A seguir, reproduz-se em tabela as macrocategorias delimitadas como indicadores temáticos de visibilidades para o mapeamento do Desacontecimento nas edições analisadas.

Macrocategoria	Representatividade
Identidade	Negro Mulher Caipira Infância Memória Velhice

01 Em pesquisas anteriores, o foco do interesse reflexivo esteve na fundamentação teórica dessa estratégia de narração a partir do estudo de caso de jornalistas que, em contextos midiáticos tradicionais, conseguiram empreender pautas destoantes à noticiabilidade hegemônica, a saber: a repórter brasileira Eliane Brum e o repórter catalão Bru Rovira (Ventura; Abib, 2023).

Macrocategoria	Representatividade
Migrações	Imigrantes Refugiados Trabalho humanitário
Ambiente	Vida na cidade – Bairro Meio ambiente – Natureza
Periferia	Comunidade periférica Arte periférica
Pobreza	Fome Desigualdade social Pessoa em situação de rua
Direitos Humanos	População em situação carcerária
Desemprego	Desemprego Trabalho informal
Popular	Arte independente Projeto social Manifestação política Pandemia pelas brechas
Pessoa com deficiência	Pessoa com deficiência
Comunidade indígena	Comunidade indígena
Comunidade ribeirinha	Comunidade ribeirinha
Comunidades religiosas	Comunidades religiosas

Tabela 1: Categorização das visibilidades do Desacontecimento

Fonte: Elaborada pelos autores.

Adiante, detalha-se a processualidade jornalística que constitui a semântica do Desacontecimento e ressalta-se, com este percurso, o interesse em dar continuidade ao empreendimento acadêmico com intenções de ordem prática de inscrever o Desacontecimento enquanto dinâmica pertinente às narrativas contemporâneas a partir de um estudo de seu alcance, identificando-se possibilidades para sua articulação na cobertura noticiosa.

Estratégia narrativa de fatos não marcados

Em uma primeira aproximação teórica, é importante situar o lugar epistemológico da reflexão sobre o Desacontecimento. O termo aporta, desde o sentido provocativo de seu prefixo latino, ideias de negação e de oposição para com o escopo que constitui a matéria-prima noticiosa, e conduz o pensamento a ponderar sobre possibilidades de uma feitura informativa outra, à revelia do *newsmaking* historicamente construído pela comunidade profissional. Seu âmbito investigativo se concentra, por isso, nas teorias do jornalismo, especificamente em interface com a perspectiva interacionista e as dinâmicas produtivas que foram conformadas em termos de cultura jornalística, buscando pontos de inflexão para uma processualidade noticiosa divergente. Suas discussões empreendem problematizações sobre a ordem dos fatos reportados pelos

meios, em uma vertente que abrange os saberes mobilizados pelos jornalistas no exercício rotineiro de suas atividades e sua responsabilidade no tecido social.

Enquanto artefato da modernidade, a notícia se estabeleceu na complexa relação entre os polos econômico e simbólico de um campo em profissionalização (Traquina, 2005) que, por um lado, precisava de envergadura comercial para se afirmar como empresa lucrativa e, por outro, almejava assentar sua existência e sua credibilidade em compasso com valores democráticos por meio de representações que até hoje pairam sobre o imaginário social de uma imprensa como porta-voz da opinião pública, defensora da liberdade e da independência.

Neste plano de disputas entre necessidades e interesses da profissão, alojaram-se as competências culturais do jornalismo como comunidade interpretativa no tocante à partilha de convenções perceptivas e avaliativas entre o grupo para sua lida permanente com um fluxo de ocorrências de difícil controle. Uma sistemática produtiva se constituiu, assim, na esteira dos constrangimentos internos e externos de uma atividade institucionalizada para orientar uma seletividade noticiosa da cena pública em função de um mapa cognitivo que, conforme Sodré (2009, p. 71), envolve parâmetros jornalísticos de tratamento “das qualidades ainda indiferenciadas de um evento, para transformá-lo em ‘acontecimento’”.

A notícia se insere, desde a , como uma constru o do acontecimento de acordo com o conjunto de conven es que estruturam o campo jornalístico. Como uma micronarrativa que resulta da processualidade do fato em acontecimento, no qual o acontecimento se torna o escopo central a carregar a semântica do exercício de informar. Alsina (2005, p. 140) fornece pistas nessa dire o quando afirma que “o ecossistema   fundamental para definir um fato como acontecimento” – isto  , um fen meno só se torna acontecimento quando um sujeito aplica sobre ele uma perspectiva específica.

  por tal incursão que este estudo se alinha   posi o de Sodré (2009) de conceituar o acontecimento como um fato marcado, com rela o ao qual a no o de marca o   elegida precisamente para sublinhar que não   qualquer fato que desperta o sistema da informa o pública. Antes, enquanto objeto de racionaliza es desde que desponta no tecido social, o fato necessita ser semioticamente marcado por um código de produ o. Para Benetti (2009, p. 161), a razão de ser do jornalismo, afinal,   essa: “dar aos fen menos sociais o estatuto de acontecimento” e articular “a constru o discursiva de acontecimentos”.

Desde a , a questão que se coloca   o questionamento sobre o trabalho de ordenamento do sentido ao qual se dedica o sujeito na rela o com o mundo fenomenal. Recapitulando o que Charaudeau (2006, p. 98) chama de *processo evenemencial*, considera-se três momentos: a) há algo que modifica o “estado normal” das coisas; b) há um sujeito que percebe tal mudança; e c) há a significa o que esse mesmo sujeito confere a essa mudança.

O exercício profissional jornalístico, deste modo, lida com o acontecimento enquanto estratégia de narra o do fato social, aqui fazendo referência aos critérios de produ o da notícia que, em um primeiro momento, envolvem diretamente o reconhecimento pelos valores-notícia e, em complemento, os procedimentos que formatam sentidos a partir da cultura profissional. Quando se aborda a sistemática noticiosa desde seu estágio inicial, at m-se   ideia de marca o dos fatos por valores que são assumidos como orientadores “por determinarem categorias singulares que a comunidade identifica como origem de uma possível narrativa” (Sodré, 2009, p. 75).

E, em uma perspectiva histórica, apreende-se os contornos que, mesmo antes da imprensa de massas, já configuravam o acontecimento-notícia nos moldes como o conhecemos hoje. Alsina (2005) escreve que, do século XV ao século XIX, o acesso ao acontecer era um privilégio das classes dominantes. Em meados do século XIX, a noticiabilidade continua a se definir pela importância das pessoas às quais concerne e pela preponderância de ocorrências políticas – e, ainda que ao final de tal período tenha havido uma diversidade temática na cobertura, continua-se a verificar uma tendência   homogeneidade formal de se reportar o que Shoemaker (2014) estabelece de acordo com dois princípios: o do desvio e o da significância social.

Os valores-notícia já foram objeto de estudos diversos, e não faz parte dos objetivos deste artigo pormenorizá-los aqui. Cabe, isso sim, sublinhar que, a despeito das distintas nomenclaturas, tal constructo cognitivo relaciona-se com as dimensões de anormalidade e de proeminência dos atores envolvidos. Aos aspectos de caráter mais “natural” das ocorrências, a autora acresce outro macrovalor vinculado a uma concepção de socialização cultural ligada às significâncias política, econômica e pública dos envolvidos. Nos rastros de uma imprensa que se modernizou para atender às demandas da burguesia, a noção de proeminência opera em conformidade com as relações de poder que atravessam o campo e conecta-se, assim, com a disputa por capital simbólico e legitimidade que os meios buscam.

Se o aparato noticioso engendrado na maquinaria informativa se estabelece por operações seletivas bem acordadas na cultura profissional, é inevitável assumir que, enquanto uma escolha, o acontecimento-notícia é também uma omissão. Os aspectos descartados do acontecimento têm, assim, nossa predileção investigativa. Aqueles que constituem uma face de regularidade sobre a qual a mídia tradicional parece não versar. Ecoando as palavras de Benetti (2009, p. 146), “são fatos cnicamente percebidos como ordinários e que, por isso, não alcançam os requisitos que lhes permitam ocupar o estatuto de acontecimento jornalístico”.

Integrando tais leituras referenciais,² nossa postura investigativa trata de aprofundar essa seara a partir da noção de Desacontecimento jornalístico. Por esse escopo, tem sido possível tratar de possibilidades de contraposição ao trabalho de significação da noticiabilidade hegemônica, assumindo-o, conceitualmente, como uma estratégia de narração³ orientada aos fatos não marcados pelo tinteiro dos critérios convencionais, centrados naquelas dimensões rasamente percebidas como comuns.

Um primeiro eixo que cumpre delinear a partir de tais conjugações teóricas, assim, é o que vincula a cotidianidade à repetição de gestos que nos orienta a uma ontologia originária. As recorrências que nos acompanham em nossos dias, para Esquirol (2009), nos fornecem, por um lado, a segurança que buscamos e, por outro, um dinamismo com um pouco desgaste de energia. As repetições cotidianas, em tal acepção, não são apenas monotonias, mas movimentos adiante que no compasso do retorno nos abrem um possível futuro, e que na oportunidade do agora nos firmam, cada vez mais intimamente, o lugar das coisas que importam.

A cotidianidade que nos serve à incursão de uma ontologia originária é, deste modo, a mesma que nos estabelece como sujeito-protagonista de produção de sentidos. Em uma segunda visada interpretativa, então, a vida de todos os dias é também vida autêntica, porque se traduz em atividades de criação e recriação permanentes. Esse tal mecanismo das criações – por muitas vezes minúsculas, já que nos espaços de nossa intimidade – nos realça o real, e é por Medina (2014, p. 83) designado *sevirol*, “o verdadeiro milagre da vida apesar de tudo”. Em foco está uma espécie de capacidade de sobrevivência do humano ser na inventividade, suas “virações” para lidar com a dinâmica vivida, cujo domínio expressivo não pode ser outro senão o espaço-tempo diário.

Por isso, dessas duas acepções fundantes do olhar para a cotidianidade enquanto repetição que orienta nosso existir e enquanto criação/recriação de sentidos que nos vitaliza em planos individual e social, podemos depreender uma significação final que a configura como movimento de resistência do humano ser. Pela noticiabilidade do cotidiano, o Desacontecimento se aproxima dos enfrentamentos cálidos, diminutos e sempre densos em sentido que cada um realiza para permanecer, e se virar, em âmbitos íntimo e de convivência coletiva.

02 Por limitação de espaço, aqui tomamos o trabalho de Sodré (2009) para uma abordagem reflexiva mais detida. Menciona-se, no entanto, as contribuições dos pesquisadores brasileiros da área: Vogel, Meditsch e Silva (2013); Marocco, Berger e Henn (2012); Leal, Antunes e Vaz (2011); Benetti e Fonseca (2010); e França (2017).

03 Reconhece-se a contribuição de estudos recentes publicados na área como os de Carraro e Künsch (2022) e Figueiredo (2022), cujos trabalhos também se interessam em refletir sobre caminhos outros à produção jornalística por meio de experimentações do fazer inclinadas a relatar a cotidianidade ordinária por vias compreensivas.

Enquanto código de produção à revelia, é importante ainda frisar, a noção de Desacontecimento não se encerra na discussão sobre uma noticiabilidade não marcada pelos tradicionais critérios, mas comporta em sua configuração uma processualidade complexa que envolve a cadência de saberes específicos desde o reconhecimento da pauta da cotidianidade a dispositivos narrativos também distintos, a contrape-lo da modelagem positivista que perpassa o campo jornalístico.

Pautas cotidianas, fontes ordinárias e apurações realizadas em tom de Eu-Tu são, assim, aspectos fundantes na discussão de uma teoria do Desacontecimento jornalístico. Tratam-se das linhas referenciais de um fazer que, no compasso da trama comum, faz do povo seu protagonista e empreende, nas trilhas abertas pelo diálogo, a tessitura da socialidade humana na contemporaneidade.

<i>Newsmaking</i>	Desacontecimento	Tópicos analíticos
Centralidade noticiosa	Protagonismo humano em cotidianidade	Espaço-tempo de resistências íntimas dos sujeitos ordinários – pela via dos sentidos Espaço-tempo de resistências sociais dos sujeitos ordinários – pela via das astúcias sutis
Captação informativa	Apuração sensível	Relação repórter-fato-fonte em movimento dialógico de compreensão intersubjetiva – pela via da dialogia Relação repórter-fato-fonte em movimento dialógico de proximidade atenta – pela via do ato presencial
Tratamento redacional	Recursos narrativos	Assinatura criativa em mediação aberta ao trânsito narrativo por recursos de descrição e composição dialógica

Tabela 2: Processualidade jornalística do Desacontecimento

Fonte: Elaborado pelos autores.

Mapeamento do Desacontecimento na cobertura noticiosa da imprensa paulista

Como o Desacontecimento tem se manifestado nas produções jornalísticas da atualidade, para além de casos de destaque de prática profissional, no que toca aos informativos paulistas de circulação nacional? Na posição de pesquisa em continuidade, compreende-se este estudo como desencadeamento necessário a elucidações mais assertivas sobre a pertinência do Desacontecimento ao contexto noticioso contemporâneo, a fim de identificar as técnicas narrativas que respaldam essas boas práticas de jornalismo junto à lógica convencional do *newsmaking*.

Delimita-se, por essa escolha metodológica, o interesse em mapear a cobertura informativa engendrada pelos veículos *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* considerando-se a centralidade epistêmica do Desacontecimento nas brechas do *newsmaking* convencional – isto é, seu território favorável nas vias de escape aos constrangimentos diversos que permeiam o exercício jornalístico. No que concerne ao *corpus* elegido para a pesquisa, e que converge com a posição do Desacontecimento em se inscrever enquanto escopo discordante ao *newsmaking* tradicional, esta proposta pretende averiguar a manifestação de tal matriz nos jornais paulistas de maior expressividade no país, levando-se em conta os dados de circulação do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) em 2020. Enfoca-se o meio impresso em razão de sua tradição no que se refere à agenda noticiosa e à conservação dos valores de sua cultura profissional.

Ainda que em queda, os jornais selecionados concentram, a nível de Brasil, uma média de 120 mil exemplares por dia, o que representa quase um terço da circulação de impressos (IVC Brasil, 2020). Entre reformulações gráficas e editoriais implementadas com maior vigor a partir da segunda metade do século XX, e que não cumpre detalharmos neste artigo, as edições continuam a preservar uma gramática informativa que se respalda, especialmente, pelos cadernos de Política/Poder, Economia/Mercado, Internacional/Mundo e Cotidiano/Metrópoles, em complemento das editoriais de Cultura/Ilustrada e Esportes e de edições esporádicas de cadernos especiais. O *corpus* revela, por essas nuances, o intuito em se ater à processualidade produtiva característica do jornalismo profissional, em seus critérios predominantes, como forma de avaliar o alcance do Desacontecimento enquanto estratégia pertinente às narrativas da contemporaneidade.

O recorte temporal do *corpus* também pede anotações. A delimitação de um período de cinco anos, entre 2015 e 2020, corresponde a um interesse de investigar narrativas recentes pelo levantamento de um escopo capaz de fornecer material denso e robusto para as interpretativas. Desta fração, é importante ponderar sobre os factuais de destaque que entram em cena na agenda do noticiário brasileiro/paulista. A cada ano, manchetes de diferentes ordens ganham lugar e permanência na cobertura dos veículos pela projeção de impacto que alcançam e os desdobramentos que geram na realidade coletiva. Na faixa analisada, fatos como eleições municipais e presidenciais, escândalos políticos, desastres e crises ambientais e sanitárias precisam ser levadas em conta nessa equação. Isso porque tais ocorrências impõem demandas de produção a nível de alocação de recursos humanos, materiais e financeiros que podem se sobrepor a outros movimentos de pauta e limitar as brechas para escape do Desacontecimento.

A seguir, apresenta-se em gráfico o quantitativo de matérias jornalísticas identificadas sob a configuração do Desacontecimento, ano a ano, que foram levantadas de acordo com a categorização de sua processualidade produtiva nos tópicos analíticos de: a) protagonismo humano em cotidianidade; b) apuração dialógica; e c) narrativa autoral.



Figura 1: Mapeamento da presença do Desacontecimento nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* no período de 2015 a 2020.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Nesta amostragem, *O Estado de S. Paulo* concentra 262 relatos com contorno de Desacontecimento, e a *Folha*, 246. Em termos de registro mensal, a média de publicação fica em torno de três a quatro matérias, o que revela lacunas nos veículos em relação a estratégias narrativas interessadas em destoar dos tradicionais critérios noticiosos pela via de aproximação com as histórias de vida e com as camadas de resistência ante às problemáticas coletivas. Cabe uma menção, desde agora, ao quantitativo mapeado do *Estadão*, que, nos anos de 2015 e 2016, registrou alta em razão do caderno. Aliás, um espaço que tomava por base a fórmula americana de week in review para estender os melhores momentos da semana às edições de fim de semana, em uma espécie de condensado. Seu escopo informativo, assim, incluía entrevistas, artigos analíticos e uma última página de *feature* – o que pode ser entendido como textos produzidos em uma dimensão mais atemporal e interessados em explorar as potencialidades estéticas, não só formais, do relato.

Outros picos e declínios nos índices verificados podem ser compreendidos desde o tensionamento de tal matriz à agenda dos factuais de impacto: nos anos de 2018 e 2019, aponta-se a conjuntura de eleições presidenciais e suas implicações políticas, econômicas e culturais na cena brasileira que podem ter se refletido na baixa da amostra nos dois jornais. Em 2020, nota-se uma elevação que pode estar atrelada ao contexto de pandemia de COVID-19, que, na *Folha* de S.Paulo, contou com relatos orientados à cotidianidade pela seção especial “Aqueles que perdemos”.

Desacontecimento em visibilidades

Em uma perspectiva analítica de percepções mais gerais acerca do levantamento de dados sobre as visibilidades tecidas pelo Desacontecimento, evidencia-se o alcance das macrocategorias Identidade, Popular, Pobreza e Migrações, em ambos os jornais investigados, enquanto unidades que abarcam um interesse noticioso às questões de gênero, raciais, de imigrantes, refugiados, desigualdade social e cultura independente. Associadas, elas correspondem a mais de 60% das visibilidades produzidas pelos fatos não marcados – em índice mais preciso, o jornal *O Estado de S. Paulo* registra 64%, e a *Folha* de S.Paulo, 66%.

Há que se pontuar, nesta leitura, que o indicador de Popular cresce expressivamente nos dois veículos em razão da cobertura da pandemia do coronavírus, em 2020, por uma ênfase à visibilidade que se elegeu denominar “Pandemia pelas brechas” como modo de delimitar matérias dedicadas a abordagens a contrapelo ao cenário desviante característico a realidades de crise. Especialmente a seção “Aqueles que perdemos”, da *Folha*, mencionada na discussão anterior sobre noticiabilidade por editoria, desestabiliza o conflito dos ruídos midiáticos pela angulação que se volta aos sentidos construídos em vida, e não pela morte em si mesma, das vítimas de COVID-19.

A visibilidade de Manifestação Política também pede um comentário em linha por sua inserção pontual, enquanto unidade analítica, na visualização de dados do ano de 2018 devido à cobertura das eleições presidenciais pelo jornal *Folha de S.Paulo* com a iniciativa de tratar os interesses, inclinações e demandas dos cidadãos acerca de cada candidato. Os títulos “O que pensam os eleitores de [...]” inscrevem-se como espécie de escape à expressão popular sobre a compreensão diversa de Brasil em um contexto de acirramento de polarização política e lacunas, em âmbito social e jornalístico, de escuta e compreensão do Outro.

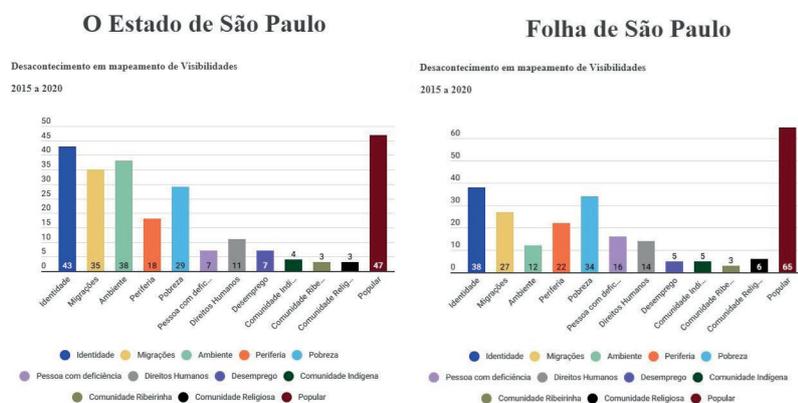


Figura 2: Desacontecimento em mapeamento de visibilidades nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* no período de 2015 a 2020

Fonte: Elaborado pelos autores.

Tópicos como o de Arte de Rua/Independente e Projetos Sociais mostram-se, por outro lado, como pontos mais estáveis na cobertura da imprensa paulista, com incidência recorrente no período de 2015 a 2020 e protagonismo em problemáticas relativas à produção artística e musical dos bairros e da capital, bem como de iniciativas sociais no âmbito da educação, dos esportes, de economia criativa e de assuntos de poder. Nos jornais analisados, tais visibilidades projetam uma criação de ordem dos sentidos que toma forma em histórias cotidianas de grupos, coletivos e atores sociais, seja em textos noticiosos ou reportagens especiais, para relatar sobre as dinâmicas populares de resistência no horizonte da cultura e da vida social.

Ainda em um plano geral, a reflexão situa o destaque das visibilidades de Identidade e Pobreza, em amostragem quantitativa muito próxima nos dois veículos, que diz de um trabalho da imprensa paulista atento especialmente aos desafios de ser – mulher, negro, velho, vulnerável, em situação de rua – pelos enfrentamentos diários de personagens anônimos em suas diferentes realidades. Cabe observar a presença do indicador de Memória, em Identidade, que se mostra com contornos marcados em coberturas de assuntos internacionais e de cidades e se configura como um recurso interessante para tratar de tragédias em uma perspectiva outra – tal qual anseia o Desacontecimento.

O desastre ocorrido em Brumadinho (MG), por exemplo, com o rompimento da barragem da Mina Córrego do Feijão em 2019 pode ser mencionado como um caso de viragem noticiosa no qual, a partir da escuta ao testemunho, o critério desviante cede à face da resistência – alicerçando o factual de impacto em uma tessitura contextual densa e de compreensão aos sentidos humanos. A pauta do datado fende o *newsmaking* de agenda com a subversão do critério pela autoria que desvela das permanências em família e comunidades através dos depoimentos daqueles mais diretamente implicados nesse cotidiano. Em proximidade, outros factuais realçados pelos valores hegemônicos de morte, violência ou conflito também podem projetar visibilidades distintas, no tom do Desacontecimento, pela abertura à memória dos que ficam – como na matéria da *Folha*, reproduzida a seguir, sobre acidentes por embriaguez no volante.

No que toca à macrocategoria Pobreza, a dinâmica do Desacontecimento visibiliza as pessoas em situação de rua, que em 2019 contavam o número de 24.344 na capital paulista, segundo dados da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo, com aumento de mais de 30% dois anos após em razão da pandemia de COVID-19. Tradicionalmente à margem da narrativa midiática por sua marcada oposição ao valor de proeminência social – ou, então, associação a ocorrências desviantes –, essa população protagoniza o fio informativo de registros de Desacontecimento pela visada interessada em contar dos diminutos que se constroem e envolvem o dia a dia de suas vidas.

A literatura sobre resistência à dureza das ruas, a vida de guerrilha nas pontes da Marginal do Tietê, a dependência química por quem padece, a relação dos moradores com o território urbano e os jardins, as

redes de apoio que se formam junto às vizinhanças dispõem-se enquanto narrativas possíveis à dinâmica dos fatos não marcados pelas brechas que se abrem no construto das visibilidades. Na esteira das angulações noticiosas em vias de divergência, as pessoas em situação de rua têm foco informativo não pelo insólito, violento ou notável, mas pela complexidade da vida em si mesma, nas nuances de anseios e limitações que perfazem seus históricos e biografias.

A problemática da Pobreza, que representa entre 11% e 13% da amostra mapeada, ainda é abordada pelos eixos da Fome e da Desigualdade Social sob uma configuração jornalística que mais se aproxima de coberturas de contexto, para além de narrativas de vida, em razão das próprias questões estruturais que atravessam políticas públicas e ações do Estado neste sentido, tais como. Disparidades em termos de concentração de renda, segregações socioespaciais e déficit de habitação, defasagem educacional, entre outras, gravitam o lance de luzes do Desacontecimento, com a singularidade do foco narrativo nas dinâmicas de resistência dos sujeitos ordinários.

Ao passo que o grande eixo da Pobreza sinaliza para as problemáticas socioculturais enquanto desafios que precisam ser encarados também pela ótica do jornalismo, em sentido propositivo, a tipificação em unidades mais específicas, que dizem das visibilidades, permite visualizar como, dentre ações mais direcionadas, a matriz dos fatos não marcados pode se fazer de recurso a coberturas sobre os meandros igualmente densos em natureza do tecido coletivo.

Quanto às visibilidades das Migrações, mapeia-se o desafio da crise humanitária como pano de fundo predominante aos relatos sobre refugiados e imigrantes. A rotina de enfrentamentos dos que se encontram em deslocamento, em solo estrangeiro ou nacional, por realidades de conflito, perseguições ou de recessão reporta-se em um quadro de margens compreensivas pelo exercício de apuração de raízes, afetos e vinculações dos sujeitos em fluxo. Na faixa temporal analisada, as editorias de Internacional e Cidades, especialmente, foram atravessadas pela guerra civil na Síria e os processos de deslocamento forçado ao litoral europeu, pelo conflito iraniano-saudita e acampamentos provisórios em ONGs e outros grupos de acolhimento, e pelo agravamento da crise na Venezuela e os refugiados fronteiriços ao Norte do Brasil.

Em contraponto ao impacto quantitativo da problemática migratória de chegadas e partidas, feridos e mortos, e mesmo dos entraves diplomáticos em conflitos de tal natureza, a perspectiva do Desacontecimento privilegia os sentidos do humano nas lutas e projeções de seus percursos. Títulos como “O que os imigrantes de São Paulo têm a dizer?”, publicado na *Folha de S.Paulo* em 15 de outubro de 2019, “A história de quem nasce sem direito a ter uma pátria”, veiculado no *Estadão* em 16 de outubro de 2016, entre outros, ilustram a orientação noticiosa à complexidade do movimento migratório dentro da necessidade de entendimento sobre seus processos e estruturas em uma visada social.

A visibilidade do Trabalho Humanitário, no entanto, enquanto eixo de abordagem possível ao desafio das migrações e dispositivo informativo afim a narrativas de Desacontecimento, tem expressividade pouco aproveitada pelos jornais, com incidência pontual para contar de projetos religiosos e médicos no continente africano e de iniciativas não governamentais para fortalecer o ensino infantil em regiões de guerra. Considerando-se a dimensão de resistência característica a ações humanitárias, há que se ponderar sobre o fôlego que o escopo do Desacontecimento pode conferir a matérias deste tom, especialmente pelo relevo ao fator humano e suas criações de sentido em meio aos abismos cotidianos.

Em termos da macrocategoria Periferia, a amostragem dá conta de textos com orientação noticiosa voltados a visibilizar o dia a dia de comunidades periféricas na capital paulista e em outras regiões do país – no caso de matérias desenvolvidas por enviados especiais. Pela lente dos fatos não marcados, a realidade das periferias, enquanto espaços subalternos que convivem com os silenciamentos do Estado, perfaz-se por uma ordem de movimentos tenazes que mantêm e subvertem, conforme ações coletivas e individuais, a lógica cotidiana. Em suas pautas, artes, gastronomia, esportes, políticas públicas, educação e urbanismo se entrecruzam no registro do vivido que se tece às margens.

Se a visibilidade de Arte Periférica destaca a produção cultural e simbólica dos sujeitos que habitam esses espaços a fim de evidenciar a predileção do Desacontecimento pela inventividade ordinária, que encontra brecha em vigor no universo artístico, o indicador de Comunidade Periférica engloba em espectro amplo questões associadas a moradia, saneamento, política e outras estruturas e afetos que constroem as cenas periféricas no país. Nos jornais analisados, os dados coletados revelam um alinhamento informativo próximo, presente sobremaneira nas editorias de Cotidiano/Metrópole e Especial.

O representativo de 7% a 9% dentre o total de registros reunidos sob a rubrica do Desacontecimento é avaliado como baixo diante do horizonte possível de coberturas a contracorrente, que se mostram nesse eixo pelo potencial de matéria-prima informativa, social e humana que subjaz assuntos dessa ordem e por uma afinidade evidente entre a matriz narrativa e tal universo semântico.

Nas amostragens de menor expressividade, categorizadas como Comunidades Indígenas, Comunidades Ribeirinhas e Comunidades Religiosas, encontram-se textos representativos da visada do Desacontecimento no contexto de culturas e ambientes de povos originários, tradicionais e que vivem nas mediações de rios, bem como no contexto de experiências religiosas em um indicador analítico que realça as especificidades de tais pautas. Quis-se distinguir estas macrocategorias do eixo de Identidade, ainda que também se refiram a questões do ser, em razão das demandas próprias e com força particular que emanam das narrativas identificadas.

A baixa quantidade de material identificado nessa seara, em torno de 4% a 5% do total levantado especialmente de indígenas e ribeirinhos – que bem pode ser explicada pelos necessários investimentos de tempo e recursos financeiros e humanos para abordar esses assuntos em proximidade –, não deixa de ser indicativo de uma lacuna na cobertura noticiosa sobre as relações humanas com o meio ambiente em atenção às necessidades e modos de vida de povos historicamente negligenciados. Tradições em ancestralidade, rotinas em quilombos, ensino e aprendizagem em aldeias são visibilizados pela estratégia do Desacontecimento nas coberturas mapeadas, com potencial de aprofundamento narrativo pelas trilhas de uma escuta dialógica ao convívio dessas populações e de suas lutas políticas e socioculturais.

Também no tocante às comunidades religiosas, delimita-se uma macrocategoria diversa ao indicador de Identidade, com vistas a pontuar sobre a especificidade de suas dimensões, na vida pessoal e coletiva, nem sempre abarcadas pelos relatos jornalísticos tradicionais. Pelo levantamento nos exemplares localizados em ambos os jornais, em termos de vazios e potencialidades, projeta-se um território possível a coberturas que versem sobre a ótica de sentidos dos que vivenciam práticas de espiritualidade.

Ainda em plano de uma analítica afim que considera pontos dialógicos entre as coberturas noticiosas realizadas pelos veículos *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, trata-se dos eixos de Desemprego e Direitos Humanos enquanto categorias que não dispõem de quantitativo expressivo na amostragem pesquisada, mas que englobam um leque mais amplo de visibilidades e, com isso, de abordagens que podem ter escape pela via do Desacontecimento. No rastro das narrativas que focalizam o protagonismo humano em resistência, estes indicadores permitem realçar contornos de complexidade pela própria natureza multifatorial das problemáticas em questão.

O Desemprego desponta, inevitavelmente, como macrocategoria presente nos periódicos investigados devido à própria conjuntura econômica do país, cuja crise se agrava durante o período de pandemia do coronavírus, e que diz não só de um cenário de vulnerabilidade social como das reconfigurações das formas de trabalho dentro do que se designa plataformação. Sob a perspectiva do Desacontecimento, projeções estatísticas e comparativos cedem a um trabalho de apuração de acompanhamento das necessidades e conflitos de anônimos nessas realidades por um interesse compreensivo em enfrentar os desafios do tempo em trato inter-humano.

Evidencia-se, nesta associação de visibilidades, o tom de denúncia que dá o fio às pautas analisadas, especialmente na editoria de Economia/Negócios, em uma espécie de relato sobre as violências estruturais que atravessam a relação Estado-povo pela voz e pelos sentidos dos que as enfrentam. Histórias dos que vivem o desalento da busca sem sucesso por emprego em razão de idade e falta de estudos, e mesmo de pessoal com qualificação, registros da exaustão de rotina dos entregadores de aplicativos, das virações de vendedores ambulantes, da precariedade de famílias que se sustentam sem direitos trabalhistas formam o compilado de matérias que abordam a problemática pela ordem do sistema, com o nexo estabelecido desde um recorte humano.

Nesta linha, vê-se como o Desacontecimento não se configura, unicamente, pelo contorno da história de vida, como que em regência à parte das questões políticas, econômicas e culturais que constituem o real social, mas se abastece desses elementos mesmo para, pela centralidade da resistência do ordinário, enquadrar os desafios contemporâneos em perspectivas outras. Já em uma interpretativa sobre o eixo dos Direitos Humanos, cumpre indicar que a abrangência de seu escopo, no que diz respeito à matriz substancial de ações, grupos, lutas e processos que dele são parte, não teve como ser considerada em sua extensão enquanto uma macrocategoria analítica. E isso porque um indicador dessa magnitude, por si só, concentraria visibilidades diversas em torno de si e poderia dar uma forma genérica a um estudo exploratório que, partindo de indicadores mais específicos, ganha novas frentes para analisar.

Deste modo, fala-se em Direitos Humanos como uma unidade em âmbito de problemática a comportar o segmento de pessoas em situação de cárcere, a fim de inscrever a projeção possível ao Desacontecimento de tratar dessas parcelas e realidades silenciadas ou abordadas em angulação desviante pela noticiabilidade hegemônica. Nesta ênfase, o relato jornalístico conta das vidas, em passado, presente e futuro, que se constroem e reconstroem em contexto de cárcere: um antigo detento que se dedica a combater delitos urbanos, a leitura como política de redução penal no Brasil, a redenção da subjetividade pelo teatro, a rotina de atividades auxiliares na prisão, a iniciativa popular de colaborar com a ressocialização dos detentos etc.

O relevo narrativo, como recurso norteador, é a vivência do protagonista, que se irriga ora pela cotidianidade, ora pela estrutura sociopolítica do país com seus dispositivos e arcabouço jurídico específicos, pautando sobretudo cadernos de Cotidiano/Metrópole e Internacional/Mundo em virtude da configuração das matérias para assuntos também de conflitos externos. Como o Desacontecimento privilegia a dimensão não marcada dos fatos, a visibilidade de pessoas em situação carcerária coloca em cena, justamente, a face humana do direito, da dignidade e das políticas públicas que constituem tal realidade.

Devido a uma diferença no quantitativo de amostragem de duas macrocategorias nos jornais analisados, com representatividade mais expressiva do eixo Ambiente em *O Estado de S. Paulo* e de Pessoa com deficiência na *Folha de S. Paulo*, direciona-se comentários pontuais sobre os dados levantados. A começar pelo indicador de Ambiente, que no *Estadão* concentra mais de 14% do material identificado, enquanto na *Folha* se refere a quase 5%. Nele, agrupam-se as visibilidades de Vida na Cidade e Meio Ambiente: quando se fala em Vida na Cidade, quer-se tratar dos relatos que se tecem pela espacialidade urbana, quer dizer, que se valem do urbano nos bairros e vielas, na socialidade que emana das ruas e de seus locais de convivência, e nas relações possíveis com seus sujeitos e personagens inanimados.

Matérias, por exemplo, sobre tradições de restaurantes e praças, sobre festividades bairristas, sobre costumes e particularidades de moradores – e mesmo de factuais de agenda, como o aniversário de São Paulo – em lógica de Desacontecimento desvelam camadas nem sempre aparentes daquilo que Maffesoli (1996) designa centralidade subterrânea.

Interessante notar como, em uma observação ano a ano, a macrocategoria, Ambiente alcança notabilidade próxima e, em alguns períodos, até mesmo superior a indicadores de protagonismo como Identidade, Popular, Migrações e Pobreza. Na editoria de Cotidiano, inclusive, alguns textos foram publicados, em

2015 e 2016, em uma espécie de seção designada “Vida na metrópole”, indicando um trabalho informativo dedicado a noticiar as vivências nesses espaços.

Já na visibilidade de Meio Ambiente considera-se as matérias que versam sobre a inter-relação do humano com seu ecossistema em um contexto que também envolve as realidades urbanas. Iniciativas populares junto a parques municipais, vizinhanças em cuidado com recursos naturais, o escape dos jardins no concreto metropolitano e políticas públicas voltadas ao abastecimento alimentar pela ação comunitária estão entre as pautas mapeadas sob a estratégia jornalística do Desacontecimento. Em conjugação, estas duas frentes narrativas revelam dos sentidos que se constroem no cotidiano homem-bios considerando-se o vigor do urbano enquanto modo de vida contemporâneo.

Pelo próprio tônus informativo característico dessa macrocategoria, há uma versatilidade editorial passível de ser explorada pela cobertura do Desacontecimento sobretudo em cadernos de *Metrópole*, *Cultura/Caderno 2*, *Internacional*, *Economia* e mesmo editorias menos tradicionais como *Viagem*, *Paladar* e outros suplementos especiais com brecha para uma autoria que pulsa com as ruas. Um traço colaborativo, inclusive, entre jornalismo e vizinhanças, agrupamentos ou outras associações bairristas pode ser canal para tessituras com esse delineamento.

No caso da visibilidade de Pessoa com Deficiência, cuja presença se dá em maior escala no jornal *Folha* de S.Paulo, com dados que superam a amostragem de indicadores de relevo como Direitos Humanos e Ambiente e que se aproximam ao eixo da Periferia, o olhar ano a ano permite constatar uma maior expressividade na faixa de 2015 a 2017, período no qual tem ênfase a iniciativa “Minha História”, no caderno de *Cotidiano*, com o relato de episódios de vida dos personagens em protagonismo no modo de depoimento. Compreende-se, pelo investimento de autoria, tempo e espaço dedicado à seção semanal, a abertura editorial aos assuntos e desafios da inclusão no todo social que demandam uma visada complexa do trabalho jornalístico.

A vivência de pessoas com deficiência no universo da música e das artes, dos esportes, das viagens e do turismo, do mercado de trabalho, do ensino e aprendizagem, da saúde e das relações interpessoais são registradas pela lente de Desacontecimento com a especificidade da voz narrativa em primeira pessoa sob um tratamento editorial do jornalista responsável que confere ao leitor a possibilidade de conhecer e reconhecer, em via mais direta, tal cotidiano de resistências.

Uma ponderação precisa ser feita, no entanto, quando a centralidade noticiosa se volta a esse indicador: há o risco de revestir com contorno capacitista matérias que tratam da realidade de pessoas com deficiência, sobretudo por uma tendência, por vezes também recorrente, de abordar em lógica de superação os feitos e realizações desses sujeitos. Se, por um lado, o interesse ao protagonismo humano versa, inevitavelmente, sobre as conquistas e percalços que perfazem uma trajetória, por outro, a ênfase aos efeitos de clímax e anticlímax pode reduzir os enfrentamentos cotidianos dos atores sociais a um esquema simplista de ganhos e perdas – especialmente no tocante a narrativas de pessoas com deficiência.

A articulação do Desacontecimento, aí, tem valor justamente pela orientação à dimensão de resistência e fabrico de sentidos dos personagens ordinários: a deficiência entra como parte da cobertura, em termos de contextualidade e gancho para problematizações políticas e culturais, mas a tessitura quer dar conta da costura entre simbólico e concretude que significa uma existência (individual ou coletiva).

Considerações finais

O interesse em pesquisar a noção de Desacontecimento jornalístico acompanha, nas trilhas do campo, os esforços reflexivos de autores que, conforme exposto neste artigo, contribuem com arcabouços teóricos e analíticos para a área. Considerando-se o vigor e a maturidade de tais produções inscritas enquanto bibliografia referencial, este estudo assume a visada de discutir, no terreno das práticas possíveis,

estratégias e dinâmicas narrativas para as coberturas contemporâneas. Longe da pretensão de inaugurar ou fixar algum novo conceito, mais vale pensar neste texto, e no próprio termo Desacontecimento, como uma provocação que espera movimentar pensamentos sobre formas distintas de se fazer.

O percurso formativo de uma fundamentação do Desacontecimento é atravessado, assim, por um legado científico das Teorias do Jornalismo, especificamente no que toca ao *newsmaking*, e por projetos de pesquisa fomentados em vista do debate e do próprio valor conferido às buscas acadêmicas por boas práticas de jornalismo no cenário atual. Não à toa, as primeiras análises e artigos acerca da noção se voltaram a uma proximidade compreensiva do trabalho de profissionais que, em um contexto produtivo de mídia hegemônica, empreenderam escolhas e dinâmicas noticiosas a contrapelo. Elege-se avançar na maturação do escopo com um estudo mais amplo, de cunho exploratório, sobre a presença de configuração de tal matriz na imprensa paulista tradicional.

Neste artigo, investiga-se as visibilidades produzidas pelo Desacontecimento na cobertura informativa dos jornais paulistas a partir de uma análise do conteúdo por macrocategorias, a fim de desdobrar dados mais acurados acerca do potencial narrativo de tal matriz para abordar os desafios contemporâneos. Em um panorama geral, a delimitação de unidades de interpretação em função das problemáticas socioculturais mapeadas permite situar a dinâmica dos fatos não marcados em uma chave produtiva outra, que extrapola a fugacidade noticiosa e inscreve a pauta informativa em questões de representatividade de fôlego.

Ainda que cada matéria apresente nuances jornalísticas próprias em razão de pontos como a autoria e a política editorial do veículo, o agrupamento analítico evidencia traços comuns ao escopo do Desacontecimento na seleção informativa, inclusive nos termos de uma noticiabilidade por editoria. É possível apreender como, no jogo de luzes e sombras midiático, tal estratégia narrativa dá vazão a determinados temas, lugares e atores sociais por propostas narrativas que, mesmo ao tratar de contextuais largos, fazem-no pelo protagonismo conferido às resistências do ordinário.

Neste levantamento, evidencia-se o alcance das macrocategorias Identidade, Popular, Pobreza e Migrações nos jornais analisados como unidades que versam sobre um interesse em dizer sobre um ser-estar em enfrentamento nas bordas urbanas ou estrangeiras, em interseccionalidade sociocultural e na dureza do tecido coletivo, e que são acompanhados por outros indicadores de matizes específicos que também contam de seu potencial de captura dos embates cotidianos. No que toca aos critérios Identidade e Pobreza, realça-se um trabalho da imprensa especialmente atento às questões e desafios do ser – negro, mulher, velho, vulnerável, em situação de rua – pelos tensionamentos diários de personagens anônimos em suas diferentes realidades.

No âmbito das Migrações, identifica-se a urgência de se reportar a crise humanitária como pano de fundo transversal aos relatos sobre refugiados e imigrantes: o dia a dia dos que se encontram em deslocamento, em solo estrangeiro ou nacional, por realidades de conflito, perseguições ou de recessão, é tecido em um quadro de margens compreensivas pelo exercício de apuração de raízes, afetos e vinculações dos sujeitos em fluxo.

Em termos de editorias, aponta-se os cadernos de Cotidiano/Metrópole, Cultura e Especiais como com um tangenciamento predominantemente com os fatos não marcados em razão do tônus de suas pautas e personagens, que permitem versar sobre as camadas ou segmentos de resistência que sustentam a vida ordinária em distintas espacialidades geográficas pela apreensão de detalhes, gestos e virações que entremeiam as vivências sociais. Indica-se, ainda, nesta associação de visibilidades, o tom de denúncia que dá o fio aos textos analisados, especialmente na editoria de Economia/Negócios, em uma espécie de relato sobre as violências estruturais que atravessam a relação Estado-povo pela voz e sentidos dos que as enfrentam.

Nesta linha, vê-se como o Desacontecimento não se configura, unicamente, pelo contorno da história de vida, como que em regência à parte das questões políticas, econômicas e culturais que constituem o real social, mas se abastece desses elementos mesmo para, pela centralidade da resistência do ordinário

rio, enquadrar os desafios contemporâneos em perspectivas outras. De acordo com as especificidades das visibilidades mapeadas, assim, a disposição noticiosa acaba por assumir nuances narrativas próprias, no sentido da própria combinação textual de personagens e contextos em níveis micro e macro.

Se o levantamento, pela visualização dos dados, indica a apreensão de como seções editoriais e visibilidades dialogam com a compreensão dos encaixes e modos narrativos de acesso das pautas do Desacontecimento aos cadernos informativos, também é possível ponderar sobre as lacunas que podem ser mais bem aproveitadas nos termos dos interesses e do alcance da estratégia dos fatos não marcados. O caderno de Política, por exemplo, tem um limitado despoite em macrocategorias como Pobreza, Comunidade Indígena, Identidade e Popular, quando se projeta marcada aderência editorial, também, com visibilidades como Direitos Humanos, Desemprego e Periferias por tessituras produzidas sob a relação Estado-povo de ações e inações no contexto de políticas carcerárias, de proteção e promoção social.

Por essas interpretativas, quer-se sublinhar que em vez de uma estratégia narrativa restrita a determinados assuntos, personagens e gêneros textuais, o Desacontecimento é, na verdade, um escopo jornalístico que pode bem se adequar a diferentes seções e pautas informativas de modo a fornecer enquadres e retratos em contorno singular à cobertura factual da imprensa.

Referências

- ACERVO ESTADÃO. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo [on-line]. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: 12 maio 2023.
- ACERVO FOLHA. **Folha de S.Paulo**, São Paulo [on-line]. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 12 maio 2023.
- ALSINA, M. **La construcción de la noticia**. Nueva edición revista y ampliada. Barcelona: Paidós, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Almedina, 2016.
- BENETTI, M. O jornalismo como acontecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7., 2009, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** São Paulo: SBPJor; USP, 2009. p. 208-224.
- BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. v. 1. Florianópolis: Insular, 2010.
- CARRARO, R.; KÜNSCH, D. **Perfil jornalístico**. São Paulo: Appris Editora, 1ªed, 2022.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ESQUIROL, J. **El respirar de los días**. Barcelona: Paidós, 2009.
- FIGUEIREDO, Carolina Moura Klautau de Araujo. **Narrar entre nós: protagonismo social e possibilidade de interação sociocultural de mulheres em situação de refúgio e imigrantes**. 2024. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - ECA, USP, São Paulo, 2024.
- FRANÇA, Vera Veiga; LOPES, Suzana Cunha. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **Matrizes**, São Paulo, n.3, v. 11, p. 71-87, set./dez. 2017.
- IVC- INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO. Disponível em: <http://www.ivc.org.br>. Acessado em agosto de 2024.
- LEAL, B. S.; ANTUNES, E.; VAZ, P. B. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos**. v. 2. Florianópolis: Insular, 2011.
- MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MAROCCO, B.; BERGER, C.; HENN, R. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: diante da morte**. v. 3. Florianópolis: Insular, 2012.
- MEDINA, C. **Atravessagem: reflexos e reflexões na memória de repórter**. São Paulo: Summus, 2014.
- PONTES, F. S.; SILVA, G. Acontecimento jornalístico e história. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. v. 1. Florianópolis: Insular, 2010. p. 43-61.

SHOEMAKER, P. Prefácio. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. (Orgs.). **Critérios de noticiabilidade:** problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. (Orgs.). **Critérios de noticiabilidade:** problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.

SODRÉ, M. **A narração do fato:** notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo:** a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. v. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

VENTURA, M.; ABIB, T. A. **Desacontecimento jornalístico enquanto estratégia de narração de fatos não marcados:** elementos para a reflexão sobre a reconfiguração da notícia. ALCEU, v. 23, n. 49, p. 85-101, 2023.

VOGEL, D.; MEDITSCH, E.; SILVA, G. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento:** tramas conceituais. v. 4. Florianópolis: Insular, 2013.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

O artigo é resultado de projeto de pesquisa de pós-doutorado
“Desacontecimento na imprensa paulista contemporânea: um estudo exploratório sobre a cobertura jornalística de fatos não marcados”.

Fontes de financiamento

Bolsa de Pós-Doutorado Júnior do Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) 150056/2022-2.

Apresentação anterior

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais

Ao CNPq por financiamento através de bolsa PDJ.

Informações para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa

Tayane Aídar Abib e Dimas Antônio Künsch

Coleta de dados

Tayane Aídar Abib

Análise e/ou interpretação dos dados

Tayane Aídar Abib e Dimas Antônio Künsch

Escrita e redação do artigo

Tayane Aídar Abib e Dimas Antônio Künsch

Revisão crítica do conteúdo intelectual

Tayane Aídar Abib e Dimas Antônio Künsch

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós

Tayane Aídar Abib e Dimas Antônio Künsch

Informações sobre cuidados éticos e integridade científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Sim.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não.

Liste os financiadores da pesquisa:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Não há.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:

Não há conflitos de interesse.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

As questões legais e regras de acesso envolvendo os dados textuais reunidos em um estudo exploratório seguem as mesmas políticas dos grupos *Folha* e *Estadão* em relação aos seus arquivos públicos digitais enquanto portais jornalísticos com disponibilização gratuita de seus acervos para consulta pessoal, acadêmica e profissional por interessados. Para controle de acesso a dados e uma dinâmica que ofereça sistema automático de *backups*, utiliza-se soluções de armazenamento em nuvem. Referente à leitura e ao manejo de dados, mobiliza-se formatos comumente empregados, como *.doc/.docx* – texto com tabelas, gráficos etc. – que são viabilizados por Microsoft Word, Libre Office e Adobe Acrobat Reader. Sobre a contrapartida de interessados em utilizar o material gerado pela investigação, libera-se o uso sob licença CC-BY.